

Lourau Contemporâneo

Ronald João Jacques Arendt*

Introdução

René Lourau veio diversas vezes ao Brasil. Quando, recentemente, estive em Paris VIII com Remi Hess, fiquei ciente de que este também viajava muito. Perguntei-lhe então por que nunca havia estado no Brasil antes da homenagem póstuma a Lourau, em 2001. “Nós fizemos um trato e repartimos o mundo”, respondeu ele, “Lourau ficou com o Ocidente e eu com o Oriente. Com sua morte, senti-me livre para ir ao Brasil”.

No decorrer destas vindas, só tive a oportunidade de conhecer René Lourau pessoalmente em outubro de 1989, num curso sobre a Análise Institucional que ele ministrou na UFRJ e noutro, ocorrido na UERJ em abril de 1993, no qual a ênfase do curso de suas palestras recaiu sobre a AI e as práticas de pesquisa. Naquela época, o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, criado em 1990, onde leciono, oferecia uma disciplina versando sobre a Análise Institucional. A partir da leitura de textos dos fundadores da AI, começaram a surgir no curso trabalhos e dissertações envolvendo a temática, constituindo-se uma demanda para o retorno de René Lourau ao Rio, agora para orientar pesquisas e proferir conferências no PPGPS, o que finalmente pôde ser viabilizado, com apoio da FAPERJ, em outubro de 1997.

Como parte do planejamento de sua presença aqui, como professor visitante, René Lourau me encaminhou diversos livros seus recém publicados, que ele desejava discutir em suas intervenções. Assim recebi pelo correio dois volumes publicados em 1994, *Les pédagogies institutionnelles* (escrito em parceria com Jacques Ardoino) e *Actes Manqués de la Recherche*, ambos da PUF, e dois volumes publicados em 1997, *La Clé des Champs* e *Implication Transduction*, ambos da Anthropos. Se os textos de 1994 são relativamente simples (o primeiro é claramente didático – uma coletânea de textos básicos sobre pedagogia

institucional –, e o segundo um estudo original sobre a implicação), os textos de 1997 são obras realmente surpreendentes. Se em *La Clé des Champs* Lourau ainda mantém o propósito de constituir uma introdução à AI, em *Implication Transduction* ele visa a explorar o seu contexto teórico. Em ambos os textos, e especialmente no segundo, utilizando um outro estilo de escrita do que aquele que nos habituamos a ler, de uma forma densa, nem sempre fácil de assimilar, o autor parece inquieto e desejoso de ultrapassar os limites da AI como disciplina, ao descrever os resultados de suas investigações conceituais.

O presente artigo tem por objetivo capturar este movimento da reflexão tardia de Lourau, procurando expor alguns dos problemas que ele buscava formular e sua relação com o pensamento contemporâneo.

As investigações do grupo de pesquisa sobre o objeto da psicologia

Como docente e pesquisador, na UERJ, venho nos últimos anos me dedicando ao estudo do objeto da psicologia. Para dar conta desta tarefa desenvolvo, no grupo de pesquisa que coordeno, estudos sobre a história da psicologia, assim como acerca das bases conceituais sobre as quais se apóiam as suas teorizações. Assim, fomos levados a estudar a psicologia, primeiro como uma disciplina moderna, posteriormente como um campo de práticas que recebia o impacto do pensamento contemporâneo. Para além de suas inúmeras variantes que recebem as mais variadas terminologias (modernismo tardio, segunda modernidade, pós-modernismo, não modernidade, etc.), há um consenso de que é necessário para ciências humanas e sociais proceder a um afastamento quanto a abordagens cartesianas racionalistas de construção da ciência, passando de um referencial epistemológico para um critério que valorize a ética das ações. Nesta corrente de pensamento questiona-se não apenas a dicotomia de uma ciência da explicação contra uma outra da compreensão, como também toda uma série de dicotomias como a

natureza *versus* a cultura, o humano *versus* o não-humano, artificial, o sujeito *versus* o objeto, o sujeito *versus* o meio, o indivíduo *versus* a sociedade, o dentro *versus* o fora, o longe *versus* o perto. Não se nega a existência de uma realidade concreta, mas ela não existe “lá fora” para ser representada com rigor e clareza por um sujeito que visa a apreender sua verdade. Nesta busca pelo objeto de uma psicologia atual, passamos por abordagens como a fenomenologia, o pragmatismo, a biologia do conhecimento, o construtivismo e o construcionismo, a antropologia cultural e a sociologia das ciências. Foi com o olhar influenciado por estes debates que nos deparamos com *La Clé des Champs* e com *Implication Transduction*

As investigações teóricas de René Lourau

Há indícios claros de que Lourau estava atento às discussões do pensamento contemporâneo que fossem além da AI. Embora haja uma tendência nos autores franceses de citarem predominantemente fontes de seus grupos de trabalho – tendência da qual não fogem os autores da AI, que constantemente se citam uns aos outros –, René Lourau (pelo menos o Lourau do último período que estou discutindo neste texto) parece fugir à regra. Descobrimos no índice de autores citados em *La Clé des Champs* que Lourau é leitor, por exemplo, de filósofos pragmáticos como William James e John Dewey (ao qual ele dedica todo o capítulo dois de seu *Actes Manqués de la Recherche*) ou do biólogo e epistemólogo Francisco Varela, para citar alguns importantes teóricos não franceses.

Implication Transduction é um livro dividido em duas partes, a primeira consistindo de dez “variações sobre a escritura transdutiva”, a segunda de uma “escritura diarística”. Não há espaço neste texto para tratar de todas as variações. Considero particularmente interessantes as variações nas quais Lourau busca trazer para a análise da implicação as reflexões do filósofo Gilbert Simondon e do matemático Jacques Ravatin. Vou me dedicar, nos próximos parágrafos, a sintetizar a apropriação que

René Lourau faz destes teóricos, relacionando, na próxima seção, os temas desenvolvidos com abordagens de autores e pesquisadores externos ao movimento da AI e que participam dos debates do pós-modernismo e da não modernidade.

Começamos com alguns conceitos recolhidos por Lourau sobre Ravatin, na segunda variação. Para melhor compreender seu ponto de vista, Ravatin utiliza a metáfora de uma janela veneziana, através da qual torna-se possível (ou não) descrever o exterior (Lourau nos lembra que numa janela deste tipo as peças são móveis, e que é possível modificar os ângulos de visão manualmente de uma abertura a um fechamento totais). Alguns ângulos permitem pensar outros reais. Numa entrevista divulgada na Internet (www.archi-med.com/pdf/textes/interview_1.pdf), Ravatin esclarece que cada observador constrói mundos possíveis. Um observador “lança” o que ele chama de “campo de coerência”. Melhor, ele *elabora* um mundo, e se coloca dentro deste mundo e o observa. Os racionalistas cartesianos – *bêtes et bornés* (burros e cabeçudos) – insistem em permanecer do lado de fora do fato observado. “Pode-se avançar a hipótese de que na situação de intervenção o que se passa concretamente entre interventores e clientes é o que abre, fecha, modifica o ângulo de abertura das lâminas da janela ‘campo de análise’” – sustenta Lourau (p.11).

Na décima e última variação, Lourau introduz a questão da transdução através de uma definição do devir de Simondon: “Devir é o ser como presente enquanto ele passa no presente do passado ao futuro, encontrando o sentido de si mesmo nesta dupla passagem de fases (...); o devir é transdução a partir do presente” (p. 60). Caberia aprofundar a definição deste conceito. Em *L'individuation psychique et collective* (Paris, Aubier, 1989), Simondon afirma que a transdução é “uma operação física, biológica, mental, social, pela qual uma atividade se propaga aos poucos no interior de um domínio, fundando esta propagação sobre uma estruturação do domínio operada de lugar a lugar: cada região de estrutura constituída serve à região seguinte de princípio e de modelo, de

esquema de constituição, de tal forma que uma modificação se estende assim progressivamente ao mesmo tempo que esta operação estruturante” (p.25). A transdução é portanto uma operação progressiva, em aberto, para o futuro. Esta abertura, entretanto, instaura um campo de *não saber*. Lourau cita Dany Dufour, que se interessa à *dobra* de certos enunciados: “A dobra, que exclui a explicação e a substitui pela implicação, é fundamentalmente o lugar onde se instala um não saber” (p.61). Torna-se então clara, segundo Lourau, a relação entre implicação e transdução, “por situar o lugar do observador nas dobras da situação de pesquisa” (p.61). Em síntese, “a homologia de estrutura entre o observador e o que ele lança no seu campo de coerência (...) se coloca (...) com relação ao devir, à individuação como processo transdutivo. (...) A inclusão do observador em toda tentativa de objetivação não pode mais ser objeto de dúvida. (...) As ciências do homem (isto é, todas as ciências) retirarão as conseqüências em suas práticas de pesquisa: desta inclusão inacessível ao conhecimento, a teoria da implicação retira sua legitimidade – e sua urgência. Ela pretende tornar visível não o invisível, mas o que constitui o ato da pesquisa – todos os dados que fazem desta situação determinada uma situação de pesquisa” (p.18/19).

A atualidade de René Lourau

A surpresa a que me referi na introdução deste pequeno texto deve-se ao encontro, nas reflexões de Lourau, de questões muito próximas àquelas que eu e meus colegas vínhamos discutindo em nosso grupo de pesquisa. Nossas fontes, entretanto não provinham da Análise Institucional. Assim, um primeiro tema que ressaltaria é a crítica à objetividade da pesquisa. A crítica ao conceito de verdade e de objetividade do neo-pragmatista Richard Rorty, a objetividade com ou sem parênteses do biólogo Humberto Maturana ou a cibernética de primeira ou segunda ordem do físico Heinz von Foerster caminham no mesmo sentido das análises de Jacques Ravatin sobre o campo de

coerência, incorporadas por Lourau. Nestas abordagens torna-se exponencial a figura do observador e sua inclusão no campo de análise, atitude que Lourau considera o “ponto zero” da teoria da implicação.

Outro ponto a ressaltar é o parênteses, aparentemente banal, no qual Lourau observa que todas as ciências, afinal, são ciências do homem. Aqui ele se insere numa discussão extremamente interessante sobre o fim da velha dicotomia herdada de Wilhelm Dilthey que colocava em campos antagônicos ciências da explicação e ciências da compreensão. Autores, como o já citado Richard Rorty, mas também o sociólogo das ciências Bruno Latour, apontam para o fim desta dicotomia e levantam o problema correlato da separação entre natureza e cultura. Fica evidente na observação de Lourau seu envolvimento com este debate.

Caberia ressaltar, na abertura assumida frente ao tempo futuro, ao não saber, sua posição não determinista, característica do construtivismo contemporâneo. Heinz von Foerster, por exemplo, propõe uma teoria da aprendizagem no contexto de instâncias não passíveis de determinação, decisão ou conhecimento. Cito também os textos sobre o construtivismo radical de Ernst von Glasersfeld e a passagem, de um referencial epistemológico nas ciências humanas e sociais, a uma ética das ações.

Valeria também insistir sobre a postura, pouco freqüente nos pesquisadores franceses atuais, de buscar em outras áreas de pesquisa e em outras disciplinas inspiração para o desenvolvimento dos próprios problemas. Finalizo com uma citação de Lourau, que bem revela esta postura: “A etnografia, depois da física nuclear, trouxe, ... bastante material para a teoria da implicação do pesquisador como inversão ‘epistemológica’. Leiris, Devereux, Condominas, E. Morin, Favret-Saada, para não citar senão alguns pesquisadores, fizeram muito para sugerir a necessidade de um outro campo de coerência nas ciências do homem” (p.61).

Ronald João Jacques Arendt*

Referências bibliográficas

a) Textos citados no artigo

- 1) LOURAU, R., Ardoino, J. (1994). *Les pédagogies institutionnelles*. Paris, PUF.
- 2) _____, R. (1994). *Actes Manqués de la Recherche*. Paris : PUF.
- 3) _____, R. (1997). *La Clé des Champs. Une introduction à l'analyse institutionnelle*. Paris : Anthropos.
- 4) _____, R. (1997). *Implication Transduction*. Paris : Anthropos.
- 5) RAVATIN, J. (1999) La théorie des formes et des champs de cohérence. Nexus : www.archimed.com/pdf/textes/interview_1.pdf
- 6) SIMONDON, G. (1989). *L'individuation psychique et collective*. Paris: Aubier.

b) Autores citados na última seção. Não faria sentido, neste artigo, que pretenda ser mais um comentário sobre o movimento teórico do pensamento de René Lourau ao final de sua vida, desenvolver os argumentos dos autores citados. Deixo aqui as referências bibliográficas de alguns livros e artigos que considero básicos, na ordem em que os autores foram citados.

- 1) RORTY, R. (1991). *Objectivity, relativism and truth*. Cambridge: Cambridge University Press.
- 2) MATURANA, H. (1999); MAGRO, C.; GRACIANO M.; VAZ, N. orgs. *A ontologia da realidade*. BH: Editora UFMG.
- 3) FOERSTER, H.v. (1998) Wir sehen nicht, dass wir nicht sehen. Telopolis. Entrevista a Bernard Pörksen. www.heise.de/tp/deutsch/special/robo/6240/1/html
- 4) _____. (1997). *Lethology. A theory of Learning and Knowing vis à vis Undeterminables, Undecidables,*

- Unknowables. Revista Universidad Eafit. Julho-Setembro, p.13-30.
- 5) LATOUR, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34.
- 6) LATOUR, B.; SCHWARTZ, C.; CHARVOLIN, F. (1998). *Crises nos meios ambientes: desafios às ciências humanas*. In: ARAÚJO, H. R. (org) *Tecnologia e Cultura*. São Paulo: Estação Liberdade.
- 7) GLASERSFELD, E. v. (1998). *Welten konstruieren, die für alle gangbar sind*. *Telepolis*. Entrevista com Rudolf Maresch. www.heise.de/tp/deutsch/inhalt/co/2572/1.html
- 8) _____. (1997) *Homage a Jean Piaget*. www.oikos.org/Piagethom.htm

* Professor do Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Endereço eletrônico: rarendt@unisys.com.br